

Narrativas e sentidos em torno do público e do privado nos dispositivos interacionais midiaticizados “psi”

Monalisa Pontes Xavier¹

Universidade Federal do Piauí

Resumo

A midiaticização em processo na sociedade contemporânea incide sobre as práticas sociais, provocando a redefinição de clássicos dispositivos interacionais em torno das mais variadas dimensões da sociedade e da vida, englobando questões referentes à intimidade e à subjetividade, como acontece com os dispositivos interacionais “psi”. Tais dispositivos, operados em sua maioria pelos “peritos da subjetividade” e tradicionalmente caracterizados pelo traço de privatismo e segredo, ao adentrarem nos espaços midiaticizados findam por tensionar os limites territoriais, éticos e políticos acerca do público e do privado, na medida em que nesses espaços passam a constituir seus fazeres. Exemplo disso são dispositivos gestados por psicólogos, psiquiatras e psicanalistas que, em domínio público, se debruçam sobre conflitos, sofrimentos e patologias, como sites, programas de tevê, colunas em jornais, entre outros. Nesse cenário, este trabalho objetiva discutir as narrativas e sentidos produzidos em torno do público e do privado nos dispositivos midiaticizados de interação gestados por peritos da subjetividade e articulados como promotores de consulta psicológica na mídia. Que tensionamentos e reconstruções de sentido sobre o público e o privado são produzidos a partir das práticas desenvolvidas nesses dispositivos? A fim de responder tal questão, nos debruçamos nos escritos sobre a midiaticização de autores como Braga, Fausto Neto, Véron e outros e realizamos um estudo de casos múltiplos da coluna Vida Íntima do Jornal O Globo, do site Ajudaemocional.com e do Programa Casos de Família, do SBT.

Palavras-chave: Público. Privado. Dispositivos interacionais psi.

¹ Psicóloga, doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, professora do Curso de Psicologia e do PPGCOM da Universidade Federal do Piauí. monalisapx@yahoo.com.br

Abstract

The mediatization in process in contemporary society focuses on social practices, resulting in the redefinition of classic interactional devices around the various dimensions of society and life, encompassing issues related to privacy and subjectivity, as with the interactional devices "psi". Such devices, operated mostly by "subjectivity experts" and traditionally characterized by privatism trait and confidentiality to step into the spaces they cease mediatizados by tense territorial limits, ethical and political about a public and private, to the extent that these spaces will institute their doings. Examples are gestated devices by psychologists, psychiatrists and psychoanalysts who, in the public domain, ponder conflict, suffering and diseases such as websites, television programs, newspaper columns, among others. In this setting, this paper aims to discuss the narratives and meanings produced around the public and the private in mediatization process devices gestated interaction of subjectivity experts and articulated as psychological counseling promoters in the media. What tensions and reconstructions of meaning about the public and the private are produced from the practices developed in these devices? In order to answer this question, we look back in the writings on the mediatization of authors like Braga, Fausto Neto, Véron and other and conducted a study of multiple cases of Private Life column of O Globo, the site Ajudaemocional.com and Case Program Family, SBT.

Keywords: Public. Private. Interactional psi devices.

1. Introdução

A midiatização em processo na sociedade contemporânea produz emergentes modalidades de interação que somente se tornam possíveis em sua ambiência e que são proporcionadas pelo significativo avanço das tecnologias de comunicação e informação que incluem desde a mídia de massa até as novas mídias digitais. Tais interações, agora viabilizadas no espaço dos dispositivos tecnológicos, promovem transformações de distintas ordens nas mais variadas dimensões da vida e da sociedade, dentre as quais vamos nos ater à reordenação da relação entre o público e o privado.

Na ambiência midiática, em especial no seio de dispositivos interacionais pautados em conteúdos “psi”², questões referentes a aspectos subjetivos, a feitos íntimos e a relacionamentos mútuos, entre outras outrora resguardadas à cena privada, advém a público, sendo nesse espaço expressas e direcionadas aos profissionais peritos da subjetividade, de modo que a cena pública passa a figurar também como lugar de auto-enunciação do eu. Disso resultam significativos tensionamentos dos limites territoriais, éticos e políticos em torno do público e do privado.

Para discutir tais tensionamentos, este artigo se pauta em um estudo de casos múltiplos de três dispositivos interacionais mediados que se estruturam em torno de uma proposta de consulta transformada³ desenvolvida por psicólogos, psiquiatras e/ou psicanalistas em cena pública. São eles: a coluna Vida Íntima do Jornal O Globo, de autoria do psiquiatra e psicanalista Alberto Goldin; o site de ajuda psicológica Ajudaemocional.com, desenvolvido pela psicóloga Olga Tessari e; o aconselhamento em cena conferido pela psicóloga Anahy D’amico aos participantes do Programa Casos de Família.

No contexto de expansão de dispositivos interacionais gestados pelos peritos da subjetividade e articulados como promotores de consulta psi na mídia, como os três casos que estudamos, objetivamos compreender como esses dispositivos produzem narrativas e sentidos em torno do público e do privado.

2. Reconfigurações do público e do privado na sociedade em vias de mediação

Cada momento histórico se caracteriza por um conjunto de dispositivos que lhe conferem forma e funcionamento, assim como delineiam modos de ser e de interagir que adquirem relevo nas práticas sociais, ao tempo em que modificam essas práticas mesmas. Exemplo disso é o processo de mediação, quando a mídia adquire o status de processo interacional de referência (BRAGA, 2006) e passa a povoar o cotidiano na atualidade, imprimindo emergentes delineamentos aos mais diversos âmbitos da vida, que envolvem desde os acontecimentos diários até os debates acadêmicos, passando pelos modos como os sujeitos se auto-enunciam e experienciam a si próprios.

² Conteúdos oriundos de saberes como a Psicologia, a Psiquiatria, a Psicopedagogia e a Psicanálise.

³ A esse respeito, ver Xavier, M. P. A Consulta transformada: experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em mediação. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

Na ambiência midiaticizada, inúmeras interações que outrora se davam em espaços de invisibilidade, adentram a cena pública e nela passam a se constituir. Desse modo, os dispositivos interacionais midiaticizados pautam os modos de sociabilidade, na medida em que atuam como solo das interações dos sujeitos com a alteridade e consigo mesmos.

Acontece que as interações midiaticizadas se deslocam dos lugares de invisibilidade para a cena pública sem segregação de conteúdo propício a um ou a outro domínio. Com isso, observamos a desconstrução da polaridade tão bem empreendida pelos saberes modernos entre interioridade e exterioridade, individual e coletivo, íntimo e aparente, o que resulta no tensionamento dos limites entre o privado e o público.

A ideia de interioridade como núcleo íntimo, sede da subjetividade, enunciada pelas tradicionais filosofias modernas em oposição à exterioridade das práticas sociais se vê abalada quando o desejo de opacidade e discrição das coisas do eu progressivamente se transmuta na busca de exposição e reconhecimento de conteúdos de cunho pessoal.

A dicotomia entre público e privado ganha relevo quando o público deixa de figurar como espaço do bem-comum e das questões coletivas e se vê povoado por práticas confessionais de exposição de intimidade, interesses individuais e causas particulares, ou ainda, como argumenta Sibília (2008), quando a incitação à visibilidade produz um deslocamento dos modos de subjetivação de um modelo de subjetividade interiorizada para outras formas de auto-construção.

O avanço tecnológico e da midiaticização, com todo o leque de inovações e possibilidades que carrega, parece incitar o sujeito a expor seu mundo interior, sua vida comum, seus feitos cotidianos, numa busca incessante pelo olhar do outro capaz de lhe conferir visibilidade, de modo que a intimidade parece dar lugar à “extimidade”, tal qual argumenta Bruno (2013), ao tomar de empréstimo o termo adotado por Tisseron.

Isso ocorre quando a cena pública passa a ser ocupada por narrativas de si, assim como por uma série de saberes que bem fazem funcionar o que Foucault (1990) denominou como “tecnologias do eu”, ou seja, práticas que possibilitam ao indivíduo operar sobre seu corpo e alma, pensamento, condutas e demais formas de ser, de modo a transformar a si mesmo como meio de alcançar estados de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. As tecnologias do eu orientam a constituição de modos como as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas.

A Psicologia, a Psicanálise, a Psiquiatria e um grande leque de outros saberes adentram os dispositivos midiáticos de modo a conclamar a fala confessional nessa ambiência, bem como destinar escuta e prescrições a essas falas, como acontece nas colunas de Goldin, no site administrado por Tessari e nos conselhos conferidos por D'amico. Com isso, marcam a cena pública como lugar de expressão também de sofrimentos, de problemas, de dores, de mal-estar, que passam a ser nesse espaço partilhados e administrados.

Esse movimento imprime transformações no sentido de intimidade e na experiência de si, que então encontra no olhar público um lugar de constituição do eu. Como argumenta Bruno (2013, p. 80):

[...] numa cultura regida pelo ideal de ego, a vida privada se volta para fora, em busca de um olhar que a reconheça e ateste a sua visibilidade. Os vínculos entre intimidade e visibilidade encontram-se ampliados. As bordas do visível expandem-se tanto no que é passível de ser exposto a outrem quanto ao que é digno de nota e visibilidade.

A dimensão subjetiva, antes atrelada à interioridade e ao segredo, na atual sociedade da midiática se volta ao visível, sendo constituída no espetáculo da cena pública. Tal qual prossegue a mesma autora, “a interioridade, ainda que permaneça presente, deixa de ser o foco privilegiado de cuidados e controles, assim como talvez deixe de ser a morada mesma da verdade ou do desejo” (BRUNO, 2013, p. 81). Temos então a subjetividade produzida na cena pública dos mais variados meios de comunicação e dispositivos de visibilidade.

Nesse contexto, as fronteiras entre o público e o privado se diluem e os antigos referentes característicos de cada esfera não são mais capazes de bem dizer sobre cada uma delas, de modo que a cisão questões políticas, sociais e coletivas *versus* questões íntimas, privadas e secretas se torna pouco relevante e não mais capaz de constituir cada um desses domínios.

Nesse cenário em que exterioridade e interioridade, político e íntimo não mais dizem sobre o público e o privado, nos deparamos com uma série de redefinições que nos conduzem à problematização dos limites territoriais, éticos e políticos acerca do público e do privado. O primeiro domínio, dos limites territoriais, é definido nas interações mesmas e evoca questões que envolvem o visível e o invisível, o íntimo e o externalizado. Nesse ponto, é preciso considerar a mídia que na atualidade faz a mediação entre o social e o individual.

Os aspectos éticos atravessam a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o outro. A esfera pública ocupada pela visibilidade e pelo império das aparências envolve uma

questão de natureza ética, inclusive de tensionamento do que, em uma sociedade da vigilância amplamente povoada pelas “máquinas de ver” (BRUNO, 2013), figura como transgressão ética.

O mesmo acontece com a dimensão política, que remete ao bem comum e à dicotomia coletividade *versus* individualidade. Numa sociedade de exacerbação do eu em detrimento das causas coletivas, em que a agenda política parece abdicar do bem comum em prol de interesse de pequenos grupos e as questões cotidianas emergem prioritariamente pelo viés da espetacularização, cabe-nos perguntar que sentidos são produzidos em torno da política.

Como atravessamento entre as perspectivas territoriais, éticas e políticas, temos as construções discursivas e semióticas a respeito do sujeito que, na Modernidade, se percebe como ser singular e conquista seu direito à individualidade e ao segredo e, na atual sociedade em vias de mediação, se recusa aos espaços de invisibilidade antes aspirados como individuais e/ou secretos, em busca de exposição e reconhecimento. Importante elemento nesse processo são os dispositivos mediados.

Assim, nosso estudo toma como objeto alguns desses dispositivos e, para nortear as reflexões, assume os seguintes ângulos de entrada: 1- Como as questões privadas adentram o espaço público; 2- Como as questões públicas são privatizadas, e; 3- De que modos essas reconstruções incidem sobre os limites territoriais, éticos e políticos acerca do público e do privado.

3. Dispositivos mediados de consulta “psi”

Selecionamos três dispositivos mediados atualmente em circulação que se articulam em torno da proposta de abordagem de conteúdos caracterizados como subjetivos e/ou pessoais e que são ofertados em diferentes espaços de mídia, a saber: a coluna de jornal Vida Íntima, assinada por Alberto Goldin, o site Ajudaemocional.com, administrado por Olga Tessari e o programa televisivo Casos de Família, que abriga as intervenções de Anahy D’amico. Os três dispositivos são postos em circulação por peritos da subjetividade que vão a público ofertar outros modos de escuta complementares às práticas por eles desenvolvidas em consonância com as prescrições canônicas de seus campos.

Goldin recebe cartas com problemas pessoais e afetivos e, no espaço da coluna – cena pública – devolve a seus leitores uma reflexão que visa confirmar o espaço de escuta e, ao

mesmo tempo, ofertar diretrizes para possíveis soluções, sempre embasadas nos referentes da Psicanálise, como vemos no exemplo:

“TENHO 25 ANOS. HÁ DOIS ANOS CONHECI Luís, de 30 anos, na faculdade e resolvemos começar um relacionamento sem compromisso. No início nossos encontros eram esporádicos e, no ambiente da faculdade, somos apenas colegas, embora todas as pessoas pensem que somos namorados. Com o tempo passei a freqüentar a casa dele e ele, a minha. Quando conversamos, ele sempre diz que não namoraria comigo, mas gostaria de se casar comigo e ter filhos, só que agora não é o momento. Temos um bom relacionamento sexual, sem cobranças. O problema é que minha família não vê esse relacionamento com bons olhos, diz que eu estou perdendo oportunidades de conhecer uma pessoa que queira de fato um compromisso e que sou muito disponível. Que Luís é egoísta e que preza muito sua liberdade. Nosso relacionamento é baseado em confiança e respeito, existem muitas afinidades, temos a sensação de que nos conhecemos há muito tempo. Tenho medo de estar me iludindo e perdendo o meu tempo, mas também tenho medo de ele ser realmente o homem ideal para mim e eu desistir por não ter paciência para esperar. Qual sua opinião sobre o assunto? Natália, Rio de Janeiro”

O ÚNICO INCONVENIENTE DO ALBERGUE DE estudantes era proibir a permanência de cachorros. Um dia, um aluno de filosofia acolheu Bobby, um viralata que se transformou no animal de estimação do grupo. Depois de um amplo debate e reflexão os jovens legalizaram sua presença na República. O recurso foi pendurar no pescoço dele um pequeno cartaz : “Apesar da sua aparência, Bobby NÃO é um cachorro”. Esta história circulou no campus e os encarregados acabaram aceitando a duvidosa condição de Bobby, que ignorou o impasse. Luís e Natália se amam. O sexo é excelente, sentem simpatia, amizade, enfim, configuram o que as pessoas comuns descrevem como namoro. Notável é que Luís não admite esse rótulo e se apressa em explicar, a quem interessar possa, que são outra coisa: amizade colorida, “ficantes”. Luís não teme o amor, sente medo do compromisso e é por isso que, à semelhança dos universitários, encontrou uma solução linguística para o problema. [...].

As cartas recebidas pelo analista são assinadas, porém, não há preocupação se a assinatura é do sujeito sofrente ou codinome, já que, quando lança ao jornal narrativas sobre seu sofrimento, o escrevente se constitui como uma personagem em cena. Assim, figura uma queixa sem rosto, que pode ser personalizada por qualquer um que com ela encontre identificação. Embora sem rosto quando midiaticizada, essa queixa diz de um sujeito que inicialmente a formula. Desse modo, consiste em enunciação privada em cena pública.

As operações de fala empreendidas por Goldin produzem uma subversão nessa ordenação quando criam situações imaginárias ou metafóricas que apenas guardam relação com o problema apresentado, de modo que a coluna não se dirige ao escrevente, mas a todo o público leitor. Esse público já se faz presente inclusive na seleção da carta respondida, como informa o colunista sobre o procedimento de eleição do material a ser respondido: “uma por

semana é escolhida em função de ser mais interessante ao grande público” (informação verbal)⁴.

Ao tempo em que o escrevente tem na coluna um dispositivo autoconfessional de expressão de si, do seu sofrimento, angústia e mal-estar, esse dispositivo gestado por Goldin parece operar o descentramento das questões do eu, fazendo figurar na cena pública questões expostas como de amplo interesse, como exemplifica o trecho a seguir: “[...] As mulheres gordas se queixam por se sentirem diminuídas ou discriminadas, conscientes de que o excesso de peso lhes faz perder a sensualidade... [...]”.

Como percebemos, o analista despersonaliza a escrevente que se queixa de obesidade e fala a todas as mulheres que se encontram acima do peso. Mas não só a essas mulheres, fala às mulheres de modo geral e também a não mulheres, na medida em que inclui na sua fala assuntos que são de interesse geral.

Esse descentramento do eu em favor de uma fala ao público, mesmo que pautada na exposição de conteúdos íntimos, algumas vezes é operado já pelo escrevente, que situa na esfera de interesse coletivo sua questão, como faz Ivan:

*“UM PRAZER ESCREVER PARA VOCÊ. Acompanho há muito seus escritos e sou particularmente fã da maneira com a qual você aborda as questões que te enviam. Espero contribuir com mais uma questão: A questão: **Por que somos - ou alguns são - tão preocupados com o passado de nosso cônjuge?** Seus relacionamentos e experiências anteriores, desde “quem” ao “o quê” e “como” foi feito/vivido, não apenas, mas principalmente sexualmente. Qual o motivo RACIONAL para que um relacionamento possa eventualmente ser posto à prova pelo que o outro viveu em seu passado? Ou pior, qual o motivo PASSIONAL que leva a um curto-circuito o lado racional - e arrisca pôr tudo a perder? Julgamento moral? Cultura? Posse? Ivan”*

Embora publicamente situadas, essas questões voltam a povoar a cena privada quando funcionam como prescritivas de modo de ser, quando realocam o sujeito diante de si, a ele ofertando referentes que vão desde a constituição de vocabulário até a prescrição de condutas, como bem faz o dispositivo em debate. Como argumenta Braga (2006, p. 72), “A sociedade nos oferece, constantemente, esses dispositivos sociais para ‘com eles’ expressarmos a singularidade de nossa fala” ou ainda, acrescentamos, as particularidades de nosso ser.

Diferente dos escritos de Goldin, o dispositivo operado por Tessari – site Ajudaemocional.com⁵ – desenvolve outra modalidade de relação com o público que se

⁴ Trecho retirado da entrevista com Alberto Goldin.

distingue já na caracterização desse público. Enquanto nas colunas nos deparamos com personagens sem rosto que enunciam dramas íntimos, no site encontramos sujeitos, embora também sem rosto, e em torno de suas vivências de sofrimento se pauta a interação, que ocorre na cena privada do atendimento psicológico mediado por dispositivos de comunicação à distância⁶.

As interações ambientadas no dispositivo se dividem em duas modalidades: 1- as interações que estão ao alcance do grande público e 2- as interações que acontecem mediante um contrato de sigilo. No primeiro caso temos a parcela do site aberta à navegação, que disponibiliza um espaço de acesso à informação, discussão e elaboração de questões de natureza psíquica, constituindo um dispositivo que mescla o caráter instrutivo-formativo com a transformação da consulta decorrente dos atravessamentos heterogêneos diluidores de fronteiras entre campos na sociedade em vias de mediação.

Contudo, mais do que disponibilizar modos de enunciação de questões subjetivas – a oferta de vocabulário já referida – Tessari oferece uma escuta individualizada a cada sujeito que a deseje na ambiência do dispositivo mesmo. Para isso, há uma contratualização de sigilo e essa modalidade de interação passa a funcionar em acordo com a resolução do Conselho Federal de Psicologia (Resolução CFP no. 11/2012) que regulamenta esse tipo de fazer psicológico no espaço mediado.

Nessa modalidade de atendimento vislumbramos acontecer na rede interações em cena privada. Na ambiência do dispositivo, a consulta se passa no espaço protegido do qual participam terapeuta e paciente, ilustrando reapropriações de usos de um ambiente aprioristicamente percebido como lugar de tornar os feitos públicos.

Contudo, as lógicas organizativas dessas esferas e cenas de público e privado não são tão lineares e passíveis de delimitação. Embora o contrato de sigilo figure como um limite entre o domínio público e o domínio privado na circulação das informações, percebemos que grande parte dos pacientes atendidos em cena privada sucumbem às tentações das “máquinas

⁵ Ajudaemocional.com é um site de “[...] informação, divulgação e de orientação sobre problemas do ser humano de origem emocional, respaldado em pesquisas científicas” que se destina-se a “[...] difundir a importância da terapia como ferramenta para superar crises emocionais”, sendo útil para qualquer sujeito interessado em “[...] resolver conflitos de ansiedade, depressão, insegurança, medos, baixa auto-estima, stress, problemas de relacionamento, dificuldades de aprendizagem entre muitos outros tipos de mal estar psicológico”. (www.ajudaemocional.com, acesso em 12 de setembro de 2012).

⁶ O atendimento psicológico mediado por dispositivos de comunicação à distância foi regulamentado em termos experimentais pelo Conselho Federal de Psicologia no ano de 2005 através da Resolução no.012/2005. Essa resolução foi reformulada em 2012 (Resolução CFP 11/2012) e essa modalidade de atendimento psicológico continua mantida experimentalmente.

de ver”. Os próprios sujeitos envolvidos na interação, que supostamente são os mais interessados em resguardar o conteúdo íntimo que expõem privadamente, muitas vezes recorrem à publicidade da ambiência em que se passa a interação para ali complementarem a abordagem de suas dores, como é o caso das falas dos sujeitos no web-programa e também nos depoimentos destinados à publicação no site “Ajudaemocional.com”, como o que apresentamos:

[...] Por mais de um ano vim arrastando meus dias, evitando sair de casa (embora tenha carro e dirija bem) sempre me confinando no meu quarto... Perdi completamente a vontade de viver fora deste meu mundo. Minha companheira era a internet onde eu, às vezes, estabelecia algum contato com algum familiar ou amigo. Dessas minhas navegadas encontrei na net, o programa da Dra. Olga Inês Tessari. Gostei muito e fiquei assídua telespectadora dela... parecia que em todos os momentos ela estava decifrando a causa da minha estática. Participava dos programas, fazia perguntas à Dra e lá vinham caminhos, ideias para que eu transformasse a maneira de conduzir a minha vida. E todas as respostas que ela dava a outros e-mails colaboravam para que eu ficasse mais flexível comigo mesma. Mas ainda nada estava bem, eu continuava a não sair do meu “canto”. Com um convite para que eu fosse conhecer seu consultório e um grupo de pessoas que faziam terapia aos sábados, depois de suar muito, ficar ansiosa, pensar mil vezes no que poderia acontecer nesse mundo fora do meu, depois de tanta relutância, acabei pegando o meu carro e indo [...] Com muita alegria, posso afirmar hoje que estou viva e vivendo incansavelmente. Para concluir conto que minhas férias deste janeiro, passei na praia, passei muito com meu carro, peguei várias ondas no mar, fiquei afastada do meu “canto” por quase um mês e me sinto livre para ir onde queira. [...].

Mesmo fazendo uso do espaço privativo da consulta midiaticizada, os sujeitos parecem demandar a publicização de suas dores e sofrimentos, a espetacularização de suas vidas comuns, ofertando-se ao olhar do outro como exemplo e demandando reconhecimento desse olhar. Desse modo, ao tempo em que povoam a cena pública com questões íntimas, expropriam-na das questões coletivas, dos debates sociais e políticos pautado no bem comum. Até mesmo o bem comum parece ser pensado a partir do referente do “eu”.

Essa diluição de limites estabelecidos entre dimensão subjetiva e dimensão social/coletiva bem aparece em nosso terceiro observável, que são as narrativas de D’amico no Programa Casos de Família. A psicóloga e psicoterapeuta compõe o quadro do programa como uma voz perita de mediação dos conflitos encenados por pessoas da periferia de São Paulo que vão a público em busca de orientação para seus conflitos cotidianos. Essa orientação, contudo, acontece no palco do programa, que se configura, segundo Freire Filho, Castellano e Fraga (2008, p.13), como uma “simulação ligeira de consultório emocional ou

terapia de grupo, que evoca, nos instantes de maior distensão, fofocas partilhadas num almoço entre amigas”.

Nesse contexto, são abordadas em rede nacional reclamações mútuas entre sujeitos, em que os envolvidos em determinados dramas e desajustes põem em circulação suas questões pessoais, críticas, desavenças e/ou disfunções. Vislumbramos aí a constituição de um circuito muito peculiar que encontra na mídia um modo de funcionar, ou seja, o bem conhecido “circuito da fofoca”, que não é uma novidade da sociedade em midiatização.

Tais acontecimentos desde muito tempo já eram assistidos em cenários públicos como as praças medievais. Talvez uma especificidade atual seja a maior facilidade de fluir e de adentrar em maior vastidão de espaços. Não se trata simplesmente de transpor conteúdos de ordem íntima ao lugar público. Temos aí um circuito em funcionamento e condições que permitem sua existência e que fazem circular em espaços como a tevê emoções, sentimentos e relacionamentos. Como bem expõe Fischer (2002, p. 155-156):

Na TV, intermitentemente, confessa-se a intimidade, confessam-se erros, desejos, mínimos detalhes de nossa sexualidade. Da mesma forma, é nesse lugar que somos convidados a expor as nossas culpas, a recebermos dos apresentadores ou dos locutores verdadeiras “lições de moral”, exemplos de vida, da reflexão sobre o vivido, da auto-avaliação, da auto-decifração, da auto-transformação.

O programa em discussão, além do foco conferido à exibição da intimidade, também retrata dramas sociais. É nesse ponto que percebemos importantes reconfigurações de sentido no jogo individual x coletivo, privado x público, na medida em que os modos de fala nesse espaço construídos empreendem um balizamento de questões sociais mais amplas para um centramento das mesmas no sujeito, como bem faz D’amico na participação no programa de tema “Quero meu filho homem de volta” (2011), em que pais reclamavam de seus filhos travestis:

[...] Agora vocês têm que entender que eles até aceitam a orientação sexual de vocês, que é de ser homossexual, mas eles não aguentam que vocês se travistam, né? **Porque aí é muito bandeiroso, travesti é bandeiroso, se vestir como mulher é uma bandeira, sabe?** Eu acho que tem pais que sofrem com isso. **O ideal seria dá uma maneirada. Eles já aceitam, então vai na casa do pai, não é se negar, eu acho que em nome da gente viver bem e também não precisa ficar chocando, esfregando na cara de ninguém, dá uma maneirada.** Agora, se você dá uma olhada no mundo heterossexual, você não vê às vezes filhos que se assumam dessa maneira, que tenham tanta personalidade, tanta força de caráter. Porque gente, não é

brincadeira o que eles fazem, se assumir, aceitar o preconceito e bater no peito ‘eu sou assim e me assumo assim’ tem muito filho heterossexual que não consegue fazer isso. Então por um lado vocês estão de parabéns, por realmente ter essa força, essa fibra que vocês têm. **Por outro, né Fabíola, não precisa ser tão rasgada, tão danada.** [...]. Então eu acho que dá pra dar uma maneirada.

Como observamos, a fala da psicóloga centra no sujeito o lugar de constituição e solução de questões que são sociais e políticas principalmente. Um sujeito que reivindica ser aceito não está falando de uma questão subjetiva ou que nele se constitui. Ao contrário, está denunciando uma questão sócio-política e educacional que resulta em vivências de preconceito e desrespeito aos direitos básicos de todo ser humano. A solução para isso, longe de se centrar no sujeito, somente pode ser conquistada por meio de intervenções no âmbito da sociedade como um todo.

O viés reducionista de constituição de visão que exclui os fatores que não podem ser tratados no alcance de ação possível sobre o sujeito/do sujeito, talvez de forma não intencionada, finda por disseminar e naturalizar o preconceito, a perpetuação de relações de dominação de múltiplas ordens – nas relações econômicas, de gênero, de diferenças culturais, etc. – e a culpabilização de cada um por suas mazelas, legitimando os lugares sociais ocupados e isentando a sociedade da responsabilidade por suas práticas que afetam os sujeitos e produzem modos de vida.

Com isso, a privatização de construções sócio-antropológicas, de gênero, de classe, de orientação sexual, etc, realoca como privada e individual conteúdos e causas que são coletivas por definição. O que observamos nesse movimento é o esvaziamento da dimensão pública, a transposição para a esfera privada e a colocação em circulação em cena pública da causa pública privatizada.

A semelhança de Goldin, D’amico assim procede nas operações de fala que realizam uma articulação entre o individual e o coletivo, na medida em que conseguem articular o cotidiano e as querelas dos convidados com as vivências de um grupo social mais amplo (FECHINE, 2007). Embora direcionada a cada um dos protagonistas, a fala de D’amico parece mostrar-se válida a qualquer pessoa que se depare com situação semelhante. As palavras são individualizadas, as prescrições, contrariamente, universalizadas, assim como universalizadas são as emoções suscitadas.

4- Considerações finais

Como ilustram os dispositivos estudados, na sociedade em vias de midiatização se torna cada dia mais complexo operar com conceitos e campos delimitados, com limites rígidos e estabelecidos de zonas de fronteira. A partir do momento em que a processualidade e os devires figuram como traços característicos desse cenário social, o próprio modo de pensar prática e conceitualmente os fatos precisam ser redefinidos e é isso que motiva nosso debate acerca do público e o privado.

Nos parece pouco produtiva a busca pelo que há de privado na cena pública ou como o público sobrevive à onda de privatização. Para além dessas questões polarizadas, nosso estudo mostrou a importância de buscar perceber os tensionamentos que as transformações em curso fazem aos limites territoriais, éticos e políticos em torno dessas questões, pois, a nosso ver, é isso que nos permite compreender os modos como a sociedade lida com suas questões e como tais tensionamentos circulam produzindo práticas sociais e modos de ser.

O que a sociedade está fazendo com as transformações em curso e como consegue se reorganizar diante delas? Os dispositivos estudados possibilitam enxergar diretrizes de resposta que serão produtivas se capazes de gerar novas problematizações que nos conduza ao entre-espço do público e do privado, pois acreditamos que atualmente é esse lugar que mais tem a nos dizer. A urgência de superar as dicotomias nos parece ser o que mais enfaticamente nosso estudo aponta como resultado.

5- Referências

- BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre : Sulina, 2013.
- FECHINE, Y. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. 2007. In: MÉDORA, A. S.L. D; ARAÚJO, D. C; BRUNO, F (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulipa, 2007.
- FISCHER, R.M.B. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun 2002.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo** – Y otros textos afines. 1a ed. Allendesalazar M (trad.). Barcelona: Paidós Ibérica; 1990.



FREIRE FILHO, J.; CASTELLANO, M.; FRAGA, I. **O privado, o popular e o perito no talk show Casos de Família**. LOCAL 2008.

SIBÍLIA, P.. O show da vida íntima na internet: *blogs, fotologs, videologs, Orkut e webcams*.

In: CAIAFA, J.; ELHAJJI, Mohammed. (Org.). **Comunicação e sociabilidade**: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.